

## **HEGEMONIA CULTURAL BATISTA INDEPENDENTE E MÍDIA: CONTRIBUIÇÕES CONTEXTUAIS E MIDIÁTICAS PARA A FORMAÇÃO DA HEGEMONIA CULTURAL**

**Kultur Hegemony der Unabhängigen Baptisten und Medien: Beiträge der Kontext  
und Medien zur Bildung der kulturellen Hegemonie**

*Me. Josemar Valdir Modes<sup>1</sup>*

### RESUMO

O trabalho faz uma introdução ao surgimento da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã a partir da imigração de alemães vindos da Rússia, de linhagem protestante tradicional, mas que se tornaram pentecostais na prática, destacando a sua permanência como organização religiosa no Brasil que se propaga e perpetua uma cultura própria e fechada, apesar do processo de globalização presente.

**Palavras-chave:** Igreja. Batistas Independentes. Globalização. Cultura. Mídia.

### ZUSAMMENFASSUNG

Die Arbeit gibt eine Einführung in das Aufkommen der Konvention der Unabhängigen Baptistenkirchen von deutscher Sprache aus dem Immigration der Deutschen aus Russland, sie waren von traditionellen protestantischen Linie,

---

<sup>1</sup> Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e um mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo, com concentração em história e cultura. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é membro da Comissão Consultiva da Revista Ensaios Teológicos da Faculdade. E-mail: [dinho@batistapioneira.edu.br](mailto:dinho@batistapioneira.edu.br)

aber wurden in der Praxis Pfingstler, unterstreicht seinen Aufenthalt als religiöse Organisation in Brasilien, dass seine eigene und geschlossene Kultur propagiert und verewigt, trotz dieses Globalisierungsprozesses .

**Schlüsselwörter:** Kirche. Baptisten. Globalization. Kultur. Medien.

## INTRODUÇÃO

A globalização trouxe consigo a impressão de que o mundo se fundiria em um único sistema, de mesmos valores e princípios, composto por uma cultura idêntica. Como as barreiras geográficas foram transpostas, todos experimentaríamos de todos, e assim se tornariam mais parecidos.

Em certo grau é o que acontece, uma vez que aquilo que é vivenciado no outro lado do mundo pode ser experimentado onde a pessoa está no momento. Ao mesmo tempo percebe-se uma movimentação contrária, com pequenos grupos que, embora tenham acesso a alguns aspectos da globalização, se mantêm fechados em sua cultura, práticas e costumes, manifestando resistência aberta ao processo de transição cultural vigente.

O futuro destas culturas parece incerto, uma vez que vão em direção oposta ao que se esperava no processo de globalização. Há aqueles que dizem que as mesmas desaparecerão, mínguando em si mesmas, visto que as pessoas que fazem parte do grupo diminuem a cada década; mas há também uma visão otimista do quadro, uma vez que várias pessoas que provêm de processos migratórios se identificam com a cultura e entrando para a mesma.

Este estudo apresenta um pequeno grupo de cultura específica, organizado em torno da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã (CIBILA), que mantém traços culturais característicos e funciona como uma espécie de vetor desta mesma cultura. Mostra-se como este grupo se formou e as diferentes vertentes culturais que participaram desta formação.

Após a apresentação do grupo analisa-se os fatores que contribuíram para esta hegemonia cultural presente no grupo, a partir dos estudos de Stuart Hall e Antonio Gramsci. Destaca-se nestas análises a influência da globalização, tendências da pós-modernidade e o auxílio da mídia para criação, manutenção e fortalecimento do grupo.

## 1. O SURGIMENTO DAS IGREJAS ORIGINADORAS DA CONVENÇÃO BATISTA INDEPENDENTE DE LÍNGUA ALEMÃ

### 1.1 Quem eram os alemães que iniciaram as igrejas da Convenção?

A região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul foi colonizada por pessoas de

diversas etnias, mas os alemães foram o grupo mais expressivo, sendo muitos destes imigrantes russo-germânicos. Povos diferentes mostram uma tolerância maior com o que é diferente e carregam consigo maior liberdade de expressão.

Mas há aqui a necessidade de primeiro se entender como ocorreu esta imigração de alemães para a Rússia. Após a derrota de Napoleão Bonaparte, a Europa conturbada se reorganizou. Em 1815 foi criada a Confederação Alemã, que visava unificar as fragmentadas regiões onde se falava o idioma alemão em um estado nacional.<sup>2</sup> É a partir deste momento que se estabelece a criação de um estado unindo pequenos reinos, principados e cidades livres. Mas esta não era a solução final para a Europa fragmentada, pois a grande maioria da população continuava vivendo em absoluta miséria em volta dos senhores feudais, o sistema ainda vigente na época, mas que também estava em declínio.

No começo da década 1870, a confederação de estados tornou-se um império, o que contribuiu para expansão do capitalismo, ancorado pela revolução industrial na região e o comércio exterior, mas os problemas na Alemanha não eram diferentes dos que os outros países da Europa Ocidental enfrentavam. Havia muitas guerras pela unificação e a economia predominantemente rural sofria pela superpopulação e pouca terra produtiva à disposição, isso porque boa parte de relevo deste País é montanhoso.<sup>3</sup> Havia muita gente para trabalhar em pouca área disponível.

O governo alemão buscou resolver o problema, transformando a agricultura, com a iniciativa de abolição da estrutura feudal, que centrava as terras nas mãos de poucos, e todos os demais viviam dependentes destes. Foi realizada uma espécie de reforma agrária, mas a mesma não poupou o pequeno agricultor, que também teve de entregar 1/3 ou até a metade da sua terra. Fica evidente que este pequeno agricultor foi o mais atingido, pois depois que teve a sua propriedade partilhada, via-se obrigado a arrendar terras ou tornar-se empregado, já que não possuía o suficiente para se sustentar e muito menos para compartilhar com os seus filhos. Muitos destes passaram a se arriscar, emigrando para as cidades, onde se tornavam funcionários em fábricas, ou para outros países. Somente o camponês médio e o rico podiam manter-se no meio rural com sua família.<sup>4</sup>

<sup>2</sup>CUNHA, Jorge Luiz (Org.). *Cultura Alemã 180 anos*. Porto Alegre: Bilingue, 2004, p. 17.

<sup>3</sup>RADUNZ, Roberto. *Do poder de Deus depende – Pregação religiosa e constituição de um modo de vida nas colônias alemãs da vila Germânia e Picada Ferraz (1850-1920)*. Dissertação (mestrado em história) – Programa de Pós-graduação em História – Pontífice Universitária Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994, p. 28.

<sup>4</sup>VERLANG, William. *Colônia Santo Ângelo – 1857-1890*. Santa Maria: [s.n.], 1991, p. 23.

Mas este não foi o único desafio que estes pequenos agricultores enfrentaram. Com a revolução agrícola durante o século XIX, muitos empregados rurais também perderam seu emprego devido à mecanização rural. Novas máquinas passaram a substituir a mão de obra manual, o que fomentou o forte êxodo rural e farta mão de obra no processo de industrialização, inchando as cidades. Eles não eram mais necessários no campo e na cidade não tinham qualificação suficiente para o trabalho.<sup>5</sup>

Para complicar a situação, algumas regiões, como a da Badênia e do Palatinado, no sul e sudoeste da Alemanha, experimentaram um período de escassez de alimentos, decorrente de várias más colheitas, principalmente de batatas. A fome foi tão intensa que entre 1842 e 1850, ocasionou várias centenas de milhares de mortos.<sup>6</sup>

Todas estas questões fizeram com que milhares de alemães, forçados pela fome e pela falta de oportunidades, emigrassem para outros lugares. Muitos foram convencidos por agentes estrangeiros a abandonar sua pátria e arriscar a sorte<sup>7</sup>, deslocando-se para a Europa oriental ou atravessar o oceano, para a América do Norte ou para a América do Sul. A decisão extrema foi movida por dificuldades extremas. Esperavam uma nova vida, livre destes desafios, o que nem sempre foi a realidade.

Com os dados apresentados acima, pode-se entender o que motivou numerosas famílias germânicas a emigraram à Europa Oriental e até mesmo à Ásia, no século XVIII e XIX. Era a busca por terra e oportunidade de uma vida melhor. Destes vários países que receberam estes imigrantes, destaca-se a Rússia, que tinha imensas planícies bem irrigadas. Estas planícies tornaram-se a terra dos sonhos para muitos alemães e passaram a ser a casa de muitos deles por algumas décadas. Milhares emigraram àquelas regiões, desde 1763, incentivados e atraídos por um plano de ocupação estabelecido pela Rainha Catarina II, da Rússia. Era a junção perfeita: pessoas querendo oportunidades, de um lado; de outro, uma nação oferecendo estas oportunidades desejadas.<sup>8</sup>

Mas a situação não permaneceu desta forma por muito tempo. A região, vista como a terra perfeita, deixou de ser atrativa. O Czar Alexandre II (1855-1881), em nome do nacionalismo, no ano de 1871, anulou todos os privilégios dados aos colonos imigrantes pelos líderes russos que o antecederam. No ano de 1874, os jovens alemães-russos foram recrutados para os serviços militares pela primeira vez. Os colonos alemães

<sup>5</sup> MOSTRA Comemorativa do 83º Aniversário de Ijuí. Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana, 1973, p.11.

<sup>6</sup> CUNHA, 2004, p. 21.

<sup>7</sup> WERLANG, 1991, p. 23.

<sup>8</sup> RADUNZ, 1994, p. 30.

se sentiram discriminados frente aos movimentos nacionalistas. Estavam inseguros diante da nova realidade e havia rumores de coisas piores. Sentindo-se esquecidos pela Alemanha, a Rússia havia se tornado sua terra natal “adotiva”, porém a minoria sabia o idioma russo. Moravam naquele lugar como moravam na Alemanha. Diante da pressão do governo russo, surgiu uma nova possibilidade de mudança para estes que já emigraram uma vez: aventurar-se para as terras conhecidas como América! Iniciou então o movimento de emigração à América do Norte e à América do Sul (Brasil, Argentina e posteriormente o Paraguai), que aumentou gradativamente, alcançando o ápice logo depois da Primeira Guerra Mundial.<sup>9</sup>

Muitos destes que chegaram ao Brasil vinham da região da Volínia, um gigantesco território de 70 mil Km<sup>2</sup>, dominado pela Rússia desde 1795 até a Primeira Guerra Mundial.<sup>10</sup> Após, com a emancipação da Polônia, a região da Volínia, foi dividida entre os dois países. Hoje esse território se encontra no noroeste da Ucrânia e pequena parte na Bielorrússia.

Quando estourou a Primeira Guerra Mundial, havia nesta região da Volínia mais de 400 colônias alemãs, com mais de 230 mil alemães, que transformaram, com seu árduo trabalho manual, uma região de estepes e banhados em terras cultiváveis. Levaram décadas para drenar imensos banhados e agora estavam no auge, em plena fase de cultivo, quando o governo lhes impõe tamanhas restrições.<sup>11</sup>

Mas a situação pioraria ainda mais com a nova troca de governante. Quando Alexandre III assumiu o trono, ele instituiu o que ficou conhecido como russificação, e, a partir de 1881, trouxe eminentes mudanças na vida dos colonos: o ensino nas escolas tinha que ser em russo, nada mais de falar o alemão; a administração das vilas não podia ser feita pelos imigrantes e somente pessoas nascidas na Rússia poderiam assumir estes cargos; adquirir mais terras foi restringido, e eles deveriam se contentar com o que tinham. Ainda outros direitos e privilégios foram cancelados.

Embora houvesse a oportunidade ir para América, esta não era uma decisão tão simples assim, pelos desafios de viagem e de ambientação existentes. Por isso, muitos alemães decidiram ficar na Rússia e apostaram em dias melhores.

Estes dias melhores não vieram, e outras complicações atingiram estes imigrantes. Eles foram acusados pelo governo de traidores da Rússia, espões e colaboradores

<sup>9</sup>RADUNZ, 1994, p. 30.

<sup>10</sup>WUTZKE, Wilson. *Wolhynien und die Wolhyniendeutschen*. Nova Santa Rosa: Jair e Seli Lange, 2002, p. 2.

<sup>11</sup>WUTZKE, 2002, p. 2.

do governo alemão. No verão, e em plena colheita de 1915, foram expulsos, e tiveram que abandonar tudo às pressas. Tudo o que construíram teve que ficar para trás. Muitos tentaram ficar, ao menos para fazer a colheita, entretanto foram acusados de impostores e levados presos ao interior da Rússia, até mesmo à temível Sibéria gelada; outros tantos, foram espalhados estrategicamente para que não tivessem poder de se organizarem. Muitos foram forçados a enfrentarem longas viagens de trem e carroças, algumas com seis meses de duração. Milhares morreram de doenças, fome e frio, especialmente crianças e idosos. Os que conseguiram fugir, voltaram à Alemanha e outros optaram por novas terras, no Novo Continente, sendo muitos destes os que chegaram ao Noroeste do Rio Grande do Sul.

Nos anos que se seguiram, alguns dos que foram levados ao interior da Rússia, conseguiram fugir, atravessaram países vizinhos, como a China, e também vieram para o Brasil, Outros conseguiram retornar à Volínia por conta própria, mas tiveram de recomeçar do zero. É um povo que enfrentou muito desafios durante várias décadas consecutivas e que vem para o Brasil buscando construir um futuro para si mesmos e para os seus filhos.<sup>12</sup>

## 1.2 De onde vem a denominação a qual eles se filiam

A Igreja Batista Sueca surge no Brasil em 1912, na cidade de Guarani das Missões/RS. Segundo dados estatísticos compostos pela Convenção que representa este grupo de Batistas, denominados de Batistas Independentes, há no Brasil mais de 752 locais de cultos, com a participação efetiva de um grupo de 58.319 membros. Os mesmos dados estatísticos destacam que esta igreja de origem sueca está presente em 11 países diferentes.<sup>13</sup>

Toda a história desta convenção se origina na Organização Missionária de Örebro: Örebromissionen – ÖM. Esta organização missionária sueca enviou Erik Jansson ao Brasil como missionário, para cuidar espiritualmente dos colonos da região das Missões, no Rio Grande do Sul. Destaca-se que a missão está ligada a uma igreja Pentecostal e étnica em um primeiro momento, e por conta desta característica étnica, tem um crescimento mais lento que outras igrejas pentecostais fundadas na mesma época, reproduzindo outras igrejas com estas mesmas características, o que se observa no Brasil. Posteriormente se abriu para outras etnias que residiam na região: russos, alemães, brasileiros, entre outros.

<sup>12</sup>CUNHA, 2004, p. 20-40.

<sup>13</sup>WUTZKE, 2002, p. 2.

Esta Organização Missionária foi fundada por John Ongman, pastor da Igreja Filadélfia de Örebro, influenciado pela vida e trabalho de Andrw Johnsson para a implantação do Pentecostalismo na Suécia, fazendo da ÖM o centro deste movimento batista e responsável pelo envio de vários missionários para muitos lugares do mundo, incluindo o Brasil, onde se inauguraram várias igrejas, contando inclusive com a organização da Convenção Evangélica Batista Sul Rio-Grandense, em 1919.<sup>14</sup>

Havia três grandes movimentos na Suécia, no final do século XIX. Primeiramente, a luta contra o alcoolismo, um problema social que dificultava o progresso e que precisava ser combatido; segundo, o movimento trabalhista, que lutava por melhores condições de trabalho e salários mais dignos; e o terceiro movimento foi o surgimento das igrejas evangélicas livres, entre elas as igrejas batistas. A Suécia era luterana, oficialmente, desde os tempos do rei Gustavo Vasa, ou Gustavo I (1496-1560). Todos os outros movimentos religiosos eram vistos com desconfiança e muitos eram severamente perseguidos. Com muita frequência estes três movimentos – o trabalhista, a luta contra o álcool e as igrejas livres – tinham os mesmos interesses e os mesmos integrantes. A igreja protestante assumiu, portanto, como sua luta, os direitos do trabalhador e o combate ao alcoolismo.<sup>15</sup>

Interessante destacar que a Suécia não tinha perfil de nação originadora de movimentos. Trata-se de um pequeno território no norte da Europa, com certo teor de isolamento geográfico. Tem um clima inóspito, com temperaturas muito baixas no inverno. No século XIX, o País perdeu até mesmo a pouca influência que exercia nos países vizinhos e mergulhou em extrema pobreza.<sup>16</sup> É neste cenário, de perseguição religiosa inclusive, que ocorre o estabelecimento e crescimento da Igreja Batista Filadélfia de Örebro, fundada em 27 de agosto de 1897 com 97 membros; tornou-se a segunda Igreja Batista de Örebro,<sup>17</sup> e teve como marca o trabalho missionário na Suécia, Europa e outros países, sendo a precursora do movimento batista pentecostal.

### 1.3 Erik Jansson, o missionário responsável pela fundação da primeira igreja

Os imigrantes suecos mantinham ainda contato com a terra natal, através de

<sup>14</sup> EKSTRÖM, Leif. Estudo sobre a História dos Batistas Independentes. Campinas: Batista Independente, 2008, p. 18.

<sup>15</sup> EKSTRÖM, 2008, p. 18.

<sup>16</sup> EKSTRÖM, Leif Arthur. A Oração, a Roca e o Moedor de Café (Bön, Spinnrock & Kaffekvarn): os Vikings descobrem a América do Sul. Campinas: PUC Campinas, 2005. p. 27.

<sup>17</sup> JANSSON, Erik. Under Söderns Kors I. Örebro: Örebro Missionsförenings Förlag, 1941, p. 24.

cartas e jornais que assinavam e que chegavam com 2 a 3 meses de atraso. Em um deles, “Svenska Tribunen” (a Tribuna Sueca), Andres Gustav Andersson, um dos colonos em Guarani das Missões, leu sobre o trabalho da Missão de Örebro, a qual continuava a enviar pastores para outros países. Andersson escreveu uma carta para o jornal, publicada em 29 de março de 1911, com a manchete: “Um Clamor Macedônio”, pedindo pelo envio de missionários.<sup>18</sup>

Atendendo a este pedido, em 1912, Erik Jansson iniciou sua viagem. Seguiu até Hamburgo, na Alemanha, e de lá para Santos, levando um mês na viagem de navio. No dia 8 de junho chegou ao Porto de Santos, de onde continuou para o Rio Grande, à cidade de Porto Alegre, à qual chegou em 15 de junho. Sem dinheiro para prosseguir até Guarani, permaneceu por dois meses e meio em Porto Alegre, na casa de um missionário batista dos Estados Unidos, reverendo Albert L. Dunstan. Neste período, manteve contato por correspondência com as pessoas de Guarani.<sup>19</sup>

No dia 3 de setembro chegou, enfim, a Ijuí. Alguns dias depois, chegou ao seu destino final, a casa de Anders Gustav Andersson, em Guarani, autor da carta que deu origem à sua chamada para o Brasil. A chegada à casa da família se deu em 12 de setembro de 1912. Ali, Jansson foi muito bem recebido. Muitos esperavam ajuda da Suécia, mas tinham perdido a esperança de que alguém viesse de tão longe para aquele lugar.<sup>20</sup>

Em Guarani, os colonos viviam de forma muito precária ainda. Aos poucos, a densa floresta dava lugar para as suas casas e plantações. Em 1911, a enchente do rio Uruguai tinha destruído a maior parte do que havia sido plantado e muitos tiveram de recomeçar o trabalho. Os imigrantes suecos, que tinham deixado a terra natal praticamente sem recursos próprios, agora dependiam novamente dos empréstimos governamentais para estabelecer uma lavoura que os pudesse sustentar.<sup>21</sup>

Jansson começou o trabalho quase imediatamente. Ele chegou a Guarani em 12 de setembro e narrou a sua experiência da seguinte forma: “Meu primeiro culto para os suecos em Guarani aconteceu em 15 de setembro, sob a sombra de uma árvore de mate no quintal de A. G. Andersson”.<sup>22</sup> O objetivo era dar aos suecos uma base cristã para a vida. O missionário tornou-se a força aglutinadora que a comunidade em Guarani

<sup>18</sup> Svenska Tribunen, 29 mar. 1911 – Jornal Local.

<sup>19</sup> KAPPAUN, Marciano (org.). Da Suécia para o Brasil: uma história missionária. Campinas: Batista Independente, 2012, p. 37.

<sup>20</sup> KAPPAUN (org.), 2012, p. 37.

<sup>21</sup> KAPPAUN (org.), 2012, p. 37-38.

<sup>22</sup> JANSSON, 1941, p. 48.



precisava. Ele não só realizava cultos, mas também promovia festas e comemorações. No Natal de 1912, a data foi pela primeira vez comemorada, em comunidade, e a bandeira sueca foi hasteada também pela primeira vez naquela Colônia. Relatos da época dizem que o sentimento de comunidade e até de valor humano foi restabelecido com a sua chegada.<sup>23</sup>

Os primeiros imigrantes que chegaram à vila de Guarani foram os suecos que transformaram as florestas em terreno próprio para o plantio. Essa imigração para a região em questão se iniciou em 1891. Depois dos suecos vieram os imigrantes russos e alemães, sendo que, entre os anos de 1906 e 1913, um grande contingente de imigrantes alemães chegou.<sup>24</sup>

O pastor Friedrich Leimann começou seu trabalho de evangelização entre os alemães; em 1911, foi organizada a primeira igreja alemã composta de um pequeno grupo de cristãos batizados. Erik Jansson encontrou este grupo pela primeira vez em 1913, na chamada colônia Linha República.<sup>25</sup>

Nessa época houve uma conferência das igrejas batistas alemãs, que reuniu um pequeno grupo de crentes batistas. Uma das questões discutidas na conferência foi a questão do tabaco. Seria errado fumar ou até mesmo plantar tabaco? Tal questão surgiu, pois alguns defendiam que não havia problema em plantar ou fumar tabaco, mesmo sendo eles cristãos batistas. Um comitê foi formado para discutir a questão até o dia seguinte. Jansson disse que estava hospedado na casa onde ocorreram as discussões e foi convidado a participar. Aqueles que queriam ter liberdade para plantar tabaco pediam que seus opositores lhes fornecessem uma referência bíblica específica que proibisse o cultivo do tabaco. Obviamente não há no texto bíblico algo específico contra o cultivo do tabaco, por isso foi fácil para o comitê decidir que cada um teria liberdade para agir como quisesse, tendo em vista que os opositores eram a minoria. Porém, essa minoria representava a maioria dos membros da Igreja Batista Alemã em Guarani; desta forma, a decisão em deixar livre o cultivo de tabaco entre os membros da igreja não satisfaz a maioria. Além disso, o presidente da conferência cometeu o erro de, juntamente com o comitê, ler o texto bíblico de Atos 15.28-29 para justificar que aquela decisão era vinda de Deus. O comitê aparentemente era tendencioso, pois a maior parte do comitê era composta por pessoas interessadas no plantio do tabaco. Jansson afirma que evitou visitar os irmãos alemães, mas, após

<sup>23</sup>KAPPAUN (org.), 2012, p. 38.

<sup>24</sup>JANSSON, 1941, p. 122.

<sup>25</sup>JANSSON, 1941, p. 123.

vários convites, ele se propôs a ajudá-los a se organizarem como igreja novamente.<sup>26</sup>

Em 1917, os membros da Igreja Batista Alemã queriam juntar-se a Bethel, a pequena comunidade sueca que ele dirigia, para ficar sob a direção de Jansson. Eles prometeram que deixariam o cultivo de tabaco. Sobre isso, Jansson disse: “Eu não fiz nada para impedi-los, embora estivesse quase certo que a Igreja Bethel seria enganada. Considerei que seria melhor tentar.” Em 1918, os membros fundadores da Igreja Bethel, que eram imigrantes suecos, tiveram que deixá-la, porque não concordavam com as constantes desigualdades. Quando saíram, receberam 800 mil réis pelo trabalho empenhado na construção da capela, o que eles aceitaram para evitar mais brigas.<sup>27</sup>

Em 14 de dezembro de 1918, Erik Jansson e Carl Welander estavam juntos para reorganizar a Igreja Bethel, constituída de 163 membros, todos eles alemães vindos da igreja alemã em que se deu a contenda do tabaco.<sup>28</sup>

Passaram a se reunir embaixo de árvores, quando não chovia, porém permaneciam unidos. Jansson descreve um culto, em um lugar chamado Linha Vinte e Três de Julho, no qual afirma que o Espírito de Deus caiu sobre os que lá estavam, o que lhe fez derramar muitas lágrimas de alegria.<sup>29</sup>

Em 4 de outubro de 1919 a Igreja Bethel inaugurou a sua nova capela, em Linha Pederneiras, Guarani.<sup>30</sup> A partir deste momento, consegue-se estabelecer um registro histórico destas comunidades que se espalham pelo País, se juntam voluntariamente no que se conhece como Convenção Batista Independente de Língua Alemã, vetorizando esta multiforme/hegemônica cultura adquirida.

O que chama atenção no registro histórico apresentado são os diferentes traços culturais que estes imigrantes carregavam: como grupo étnico, eram imigrantes alemães que vieram da Rússia, mais precisamente, Volínia; como grupo religioso são pentecostais ligados à Suécia, pois foram conduzidos por um missionário vindo deste lugar; em termos de prática de culto, não são nem pentecostais e nem tradicionais, mas carregam traços dos dois grupos ao mesmo tempo, uma vez que o grupo é oriundo de uma igreja batista tradicional. Evidencia-se neste grupo de estudo a transculturação proveniente dos encontros entre os diferentes,<sup>31</sup> e que forma uma nova unidade cultural, que pode ser considerada hegemônica. Como aconteceu esta formação cultural, o que

<sup>26</sup> JANSSEN, 1941, p. 123-124.

<sup>27</sup> JANSSEN, 1941, p. 128.

<sup>28</sup> JANSSEN, 1941, p. 129.

<sup>29</sup> JANSSEN, 1941, p. 129.

<sup>30</sup> JANSSEN, 1941, p. 132.

<sup>31</sup> BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 262.

contribuiu para esta unidade e o que faz com que este grupo permaneça se expandindo em solo brasileiro, será o foco do estudo do próximo capítulo.

## 2. A MANUTENÇÃO E EXPANSÃO DO GRUPO E DESTA COMPLEXA IDENTIDADE CULTURAL AO LONGO DO TEMPO

É interessante observar como estas igrejas, compostas por imigrantes de tradições tão distintas, se unem mais tarde em uma Convenção que é caracterizada por traços culturais. Enquanto as outras Convenções Batistas Independentes se organizam a partir do local em que estão inseridas, ou seja, elas são estaduais, esta não respeita os limites geográficos e se atém aos costumes, hábitos e língua de um grupo de pessoas.

Foi a partir de 1988 que estas congregações independentes passaram a se organizar em Convenções Regionais. No dia 13 de janeiro de 1989, fora organizada a Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã (CIBILA), com igrejas no Rio Grande do Sul - Igreja Batista Independente Betel, Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva e Igreja Batista Zoar - e Paraná - Igreja Batista Independente Filadélfia, Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa, expandindo seus trabalhos posteriormente para os Estados de Santa Catarina e Mato Grosso.

Ao se olhar para a filosofia da Convenção e a sua ligação com as igrejas, percebe-se o quanto mais complexa é esta estruturação convencional e a própria manutenção desta identidade cultural. A filosofia da Convenção Batista Independente sustenta a existência, a natureza e os objetivos da Convenção, como entidade que: a) promove o inter-relacionamento fraterno e cooperativo das igrejas a ela associadas; b) apoia o fortalecimento e a multiplicação das igrejas; c) se interessa pelo progresso e crescimento espiritual e social dos membros das igrejas; d) respeita a **autonomia das igrejas cooperantes**; e) administra zelosamente as entidades e instituições que cria, às quais atribui a execução de seus objetivos, programas e determinações; f) obedece aos padrões bíblicos de relacionamento com a sociedade, o Estado e outras igrejas. A Convenção, constituída pelas igrejas batistas que livremente se associam para sua formação, é uma associação religiosa pautada nos procedimentos cooperativos, de reunião de esforços e providências que autorizam o surgimento de entidades e órgãos que, pela iniciativa e com o apoio e controle das igrejas, se tornem instrumentos para a realização dos propósitos que têm em comum. A Convenção aparece, na experiência batista, como instrumento para canalizar e dar expressão concreta ao desejo das igrejas batistas. Ela não está sobre as igrejas; é apenas um mecanismo de trabalho

conjunto.<sup>32</sup>

Embora a história da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã seja recente, com apenas 27 anos, ela tem em seu grupo cooperante algumas igrejas prestes a comemorar seu centenário. Chama a atenção como, em toda esta democracia praticada, com diferentes correntes migratórias, esta Convenção consegue manter seus costumes e, principalmente, a língua alemã em seu contexto. Mesmo em meio a uma sociedade cada vez mais uniforme e ao mesmo tempo miscigenada, sem contar o contexto inicial, que colocava estes imigrantes em contato com diferentes correntes migratórias, cercados por costumes e hábitos distintos e com a pressão do governo em alguns momentos, obrigando a comunidade a se abraçar; apesar de todos estes fatores limitadores, a Convenção, de forma voluntária e cooperativa, carrega uma bagagem cultural característica pelo interior de vários Estados brasileiros, e a principal ligação destes agricultores é a sua religião, praticada semanalmente e que deve ser o vetor desta corrente cultural.

Os estudos de Stuart Hall e Antonio Gramsci ajudam a entender este fenômeno experimentado por este grupo específico, que foi de fundamental importância na manutenção de sua identidade como grupo em pleno século XXI, e não apenas isso, se constituir como um grupo que alcança outras pessoas e as insere em sua cultura específica.

Em seu livro “*A identidade cultural na pós-modernidade*”, Stuart Hall trabalha as “crises de identidade”, decorrentes do descentramento do sujeito<sup>33</sup> numa sociedade marcada

<sup>32</sup>SOUZA, Sócrates Oliveira de (org.). *Pacto e comunhão: documentos batistas*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010, *passim*.

<sup>33</sup>DESCENTRAMENTO DO SUJEITO: segundo Stuart Hall, cinco teóricos importantes conseguiram perceber essa descentralização do sujeito por meio de suas teorias, as quais influenciaram o pensamento científico do século XX. A primeira percepção de descentração do indivíduo veio a partir da reinterpretação de Marx, quando seus novos intérpretes, na década de 1960, entenderam que os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os “autores” ou agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos (materiais e culturais) que lhes foram fornecidos por gerações anteriores. A segunda descentralização foi a descoberta do inconsciente freudiano. Para Freud, as identidades, a sexualidade e os desejos são formados por processos psíquicos que se encontram no inconsciente, o qual funciona com uma lógica totalmente distinta da razão, e por isso o sujeito não tem domínio sobre elas. Isto significa que o indivíduo não é livre em suas escolhas, mas existe um inconsciente que, de certa forma, o influencia sem que ele tenha o total controle dessas escolhas. Já o terceiro deslocamento veio a partir das descobertas da linguagem realizadas por Ferdinand de Saussure. De acordo com pensamento saussuriano, o indivíduo não é autor das afirmações que faz ou dos significados que expressa na linguagem. Ele pode até utilizar a língua para se expressar, se posicionar, porém a língua é um sistema social e não individual, que preexiste antes do sujeito nascer. Como afirma Hall, as palavras são “multimoduladas”, isso significa que elas irão carregar sempre outros significados que elas colocam em movimento, porque consecutivamente haverá um “antes” e um “depois”, das palavras que não temos nenhum domínio ou qualquer controle. O quarto descentramento é encontrado no pensamento do filósofo Michel Foucault com aquilo que ele identificou de “poder disciplinar”. O poder disciplinar

pela fluidez das fronteiras geográficas e um deslocamento constante do indivíduo. A crise de identidade na pós-modernidade está relacionada, entre outros fatores, à fragmentação do ser humano, que não se constitui de uma identidade única. Ele mesmo é uma série de identidades em si, podendo assumir determinada identidade específica de acordo com o contexto no qual está inserido.<sup>34</sup>

Esta visão é importante neste estudo. As pessoas que compõem a comunidade tiveram contato com diferentes vertentes culturais e elas são ao mesmo tempo alemães, russos, com religião tradicional e pentecostal, isso sem contar todas as outras influências advindas dos demais grupos de imigrantes com os quais tiveram contato.

No desenvolvimento de sua teoria, Stuart Hall estabelece três concepções de sujeito: a) sujeito do Iluminismo – aquele que tinha a sua identidade estabelecida no seu nascimento e a mantinha ao longo de toda a sua vida, sendo a mesma completamente unificada; b) sujeito sociológico – aquele que tinha a sua identidade montada na interação com as pessoas, chamada por Hall de “costurada”, mantendo porém o controle sobre a mesma; e c) sujeito pós-moderno – aquele que não possui uma única identidade e “assume identidades diferentes em diferentes momentos”.<sup>35</sup>

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.<sup>36</sup>

Ao se olhar para a manutenção da identidade cultural da CIBILA, este princípio é altamente verificável na mesma, uma vez que na atualidade pessoas de diferentes

---

representa a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana, ou também o controle do indivíduo e do corpo. O objetivo desse poder é manter o domínio sobre a vida do indivíduo, mantê-lo como corpo dócil, seu trabalho, suas atividades, seus prazeres, sua saúde física e moral, suas práticas sexuais, enfim tudo que se diz respeito ao indivíduo precisa estar sob controle e disciplina. Conforme o pensamento foucaultiano, essa situação iniciou no século XIX e chegou ao seu desenvolvimento máximo no século XX. Esse poder surgiu juntamente com as instituições que “policiam” e também disciplinam as pessoas, tais como as: as oficinas, os quartéis, as escolas, as prisões, os hospitais, as clínicas, entre outras. O quinto deslocamento acometido ao sujeito na pós-modernidade, de acordo com Stuart Hall, “é o impacto do movimento feminista”. Tal movimento se insere juntamente com os movimentos sociais pós 1968. Considerado o ano que marca a modernidade tardia, a partir desta data o mundo passou a presenciar as revoltas estudantis, os movimentos contraculturais, os movimentos antibelicistas, as lutas por direitos civis, os movimentos revolucionários dos países subdesenvolvidos, os movimentos pela paz. Nesse contexto de agitação, o feminismo trouxe novos hábitos para a sociedade e principalmente para o homem, e esses novos comportamentos estão associados à “crise de identidade”, que acomete a humanidade nesses tempos. In.: PEREIRA, Helder Rodrigues. A crise da identidade na cultura pós-moderna. *Mental*, ano 2, n.2, Barbacena, jun. 2004, p. 87-98

<sup>34</sup> HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 10.

<sup>35</sup> HALL, 2003, p. 10-12.

<sup>36</sup> HALL, 2003, p. 21.

regiões e etnias se juntam ao grupo e assimilam as suas práticas e costumes. Quem os vê na igreja e no convívio com as pessoas da igreja, tem a impressão de que sempre fizeram parte do grupo. Mas eles mesmos, desde seu início, vieram de lugares diferentes e se constituíram desta interação entre diferentes.

Em sua maioria, estas pessoas que se achegam e achegaram ao grupo vêm de outros lugares e foram e são acolhidas pelos membros da comunidade. O acolhimento faz com que se identifiquem e adotem a identidade do grupo maioritário. Hall também fala sobre esta questão em sua obra. Para ele, a pós-modernidade traz como principal característica e consequência o constante deslocamento dos indivíduos, obrigando-os a conviver com outros e, nas suas palavras, fazendo-os jogar o “jogo de identidades”, que nada mais é do que uma adaptação ao meio, mesmo quando a identidade assumida é contraditória à que se tinha, podendo ser perdida posteriormente numa eventual mudança.<sup>37</sup>

Outro fator importante para a manutenção da identidade de determinados grupos, em pleno século XXI, é a globalização. Hall destaca que a mesma “se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações (...)”<sup>38</sup> e que teoricamente deveria ir contra a formação de identidades nacionais, como também locais, gerando uma homogeneização cultural a nível mundial, devido ao grande fluxo de pessoas e informações circulando entre todos ao mesmo tempo, e ao encurtamento das distâncias.

Porém, o que se observa é um efeito que vai em direção oposta e parece que as identidades nacionais ou as identidades “locais”, estão sendo reforçadas pela globalização. Ao invés de desaparecerem por causa dessa situação, elas estão em evidência ou em resistência para sua perpetuação. Para Hall, este fluxo inverso, que vai contra o que se esperava da globalização, ocorre devido aos seguintes fatores: a) a fascinação com o diferente que só é encontrado no local; b) a globalização é mundialmente desigual na sua distribuição, ou seja, não é em todos os lugares do globo que se tem acesso às mesmas informações, sendo que há comunidades que permanecem isoladas de muitas coisas que ocorrem no mundo.<sup>39</sup>

Este princípio também é observável na comunidade em questão. Primeiro porque são comunidades rurais ou então de cidades do interior, teoricamente menos afetadas

<sup>37</sup> HALL, 2003, p. 16.

<sup>38</sup> HALL, 2003, p. 39; 45-47.

<sup>39</sup> HALL, 2003, p. 47.

pelo efeito da globalização. Os recursos midiáticos mais intensos e abrangentes chegaram há pouco a estas comunidades e por isso exerceram pouca influência sobre as mesmas. A própria linha denominacional adotada ajudou neste processo. Por serem de raiz pentecostal, pode-se verificar em seu meio uma rejeição às “coisas deste mundo”, relegando a segundo plano todo universo cultural que os envolvia e envolve. Como estas questões não são tão rígidas na atualidade, estima-se que será possível verificar mudanças nos próximos anos acerca deste cenário.

Além disso, a valorização do ser diferente tem incentivado a manutenção da cultura do grupo. Em seus discursos, percebe-se a tônica de adotar um estilo de vida característico, discurso interessante para aqueles que desejam fugir da globalização e seus efeitos e querem constituir determinada característica social. Há jovens interessados em saber sobre a trajetória do grupo, mantendo as principais festividades e costumes em suas famílias. A perpetuação dos traços característicos parece ser a tônica do presente.

O autor ainda destaca o surgimento das identidades híbridas, como substitutas das identidades nacionais, isso já dentro do período da modernidade tardia. A identidade híbrida é característica das pessoas que tiveram que se deslocar, mas não perderam suas tradições e seus vínculos; ao mesmo tempo tiveram que se adaptar a um contexto diferente, traduzindo tudo o que está à sua volta para a sua cultura, negociando “com as novas culturas em que vivem”, sem nunca serem plenamente incorporados.<sup>40</sup> Dentro desta perspectiva, duas ou mais identidades são agrupadas num mesmo indivíduo ou grupo.

O grupo em estudo caracteriza bem as conclusões de Hall, uma vez que são alemães vindos da Rússia, carregando consigo uma religião tradicional, religião esta que é moldada por outra de origem pentecostal em decorrência do contato com um missionário oriundo deste meio, com um misto de costumes adquirido de outros grupos de imigrantes, como também do próprio contexto no qual se inserem: o Brasil. Ao mesmo tempo, quando estes saem de seu lugar de origem e fundam novas comunidades, como aconteceu no Estado do Mato Grosso, levam seus traços característicos e o adaptam à nova realidade, sem deixarem de ser o que eram. O processo migratório tem espalhado o grupo pelo País, sem que perdesse a sua essência.

Precisa-se destacar que este grupo, ao ser questionado acerca da sua nacionalidade, e apesar das décadas em que vivem no Brasil, se considera alemão. Há

<sup>40</sup>HALL, 2003, p. 47.

um nacionalismo presente no grupo, que remonta à modernidade tardia, e que não é um nacionalismo geográfico, mas de etnia<sup>41</sup>. Acerca destas identidades nacionais, Hall escreve destacando que as mesmas são um “discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”<sup>42</sup>

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado, e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma “identidade imaginada”.<sup>43</sup>

Para que esta cultura nacional seja formada. Hall propõe pelo menos cinco mecanismos que auxiliam no processo. Destes se destaca o primeiro, que diz que a formação desta identidade se dá mediante a *narrativa da nação*.<sup>44</sup> Este aspecto é de suma importância, porque identifica-se, nestas comunidades, espalhadas por vários estados do Brasil, uma iniciativa que fizesse com que a sua história fosse contada e repassada, gerando a ideia de pertencimento: a utilização da mídia impressa. Concomitantemente ou não, o jornal oficial da Convenção, que recebeu desde o seu início dois nomes, um em alemão: “*Unser Mitteilungsblatt*” e outro em português: “*Boletim Informativo*”, surge no ano de fundação da mesma, com o claro objetivo de reunir, com destaque à língua alemã empregada no periódico e as publicações que visavam unir o grupo, mostrando as iniciativas dos mesmos como grupo, como também a contagem da sua própria história a cada edição do jornal.<sup>45</sup>

Precisa-se agora recorrer a outro estudioso que destaca o papel da imprensa na constituição desta identidade cultural: Antonio Gramsci.

O conceito de hegemonia desenvolvido pelo filósofo marxista italiano Antonio Gramsci ajuda-nos a desvendar os jogos de consenso e dissenso que atravessam e condicionam a produção simbólica nos meios de comunicação, interferindo na conformação do imaginário social e nas disputas de sentido e de poder na contemporaneidade. No entender de Gramsci, a

<sup>41</sup> ETNIA é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimentos de “lugar” – que são partilhadas por um povo. In. HALL, 2003, p. 62.

<sup>42</sup> HALL, 2003, p. 50.

<sup>43</sup> HALL, 2014, p. 51.

<sup>44</sup> HALL, 2014, p. 52.

<sup>45</sup> LANGE, Jair. Boletim Informativo completa 20 anos. *Boletim Informativo*. Nova Santa Rosa: Departamento de Imprensa da CIBILA, n.48, out./dez. 2009, texto da capa.



hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. Além de congregar as bases econômicas, a hegemonia tem a ver com entrechoques de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política. Segundo Gramsci, a hegemonia é obtida e consolidada em embates que comportam não apenas questões vinculadas à estrutura econômica e à organização política, mas envolvem também, no plano ético-cultural, a expressão de saberes, práticas, modos de representação e modelos de autoridade que querem legitimar-se e universalizar-se. Portanto, a hegemonia não deve ser entendida nos limites de uma coerção pura e simples, pois inclui a direção cultural e o consentimento social a um universo de convicções, normas morais e regras de conduta, assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo.<sup>46</sup>

Gramsci destaca que a sociedade civil tem seus mecanismos de construção da hegemonia, aparelhos que congregam a imprensa, os partidos políticos, os sindicatos, as associações, os movimentos sociais, a escola e a Igreja. Estes agentes carregam a ideologia destas instituições e “funcionam como caixas de ressonância” dos seus pensamentos.<sup>47</sup> No caso da CIBILA, o seu jornal foi de fundamental importância para a manutenção dos vínculos e propagação da sua história, fazendo com que as gerações subsequentes se identificassem com o que foi publicado.

A teoria da hegemonia de Gramsci destaca o papel da imprensa na coesão de grupos, vendo a mesma como estando num papel privilegiado de propagação de conteúdo, como proposto por Karl Marx ao dizer que os meios de comunicação “transportam signos; garantem a circulação veloz das informações; movem as idéias (sic); viajam pelos cenários onde as práticas sociais se fazem; recolhem, produzem e distribuem conhecimento e ideologia”.<sup>48</sup>

Bernstein concorda com Gramsci no papel da imprensa e destaca que a mesma é variada, por vezes contraditória, e é a composição de influências diversas que acaba por dar ao homem uma cultura política, a qual é mais uma resultante do que uma mensagem unívoca. Esta adquire-se no clima cultural em que mergulha cada indivíduo pela difusão de temas, de modelos, de normas,

<sup>46</sup> MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *REVISTA DEBATES*, Porto Alegre, v. 4, n.1, jan.-jun. 2010, p. 54-55

<sup>47</sup> GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere - Os Intelectuais*. O Princípio Educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a, v. 2, p. 119.

<sup>48</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, 1977, v. 3, p. 67.

de modos de raciocínio que, com a repetição, acabam por ser interiorizados e que o tornam sensível à recepção de idéias (sic) ou à adoção de comportamentos convenientes.<sup>49</sup>

Para Gramsci, a imprensa seria uma “organização material voltada para manter, defender e desenvolver a frente teórica e ideológica”.<sup>50</sup> Na sociedade civil, constituiu-se o espaço onde a classe dominante exerce sua hegemonia por meio dos “aparelhos privados”. Assim, neste espaço, onde as diferentes visões de mundo (ideologias), disputam entre si uma maior influência sobre os diversos setores da sociedade, o papel desempenhado pelos organismos de cultura, como, por exemplo, o jornal, torna-se de fundamental importância.<sup>51</sup>

É impossível falar da Convenção sem citar ou recorrer ao seu jornal. Ele é o meio de divulgação das suas notícias e a forma palpável de se selecionar o que é costume dos Batistas Independentes e o que não é. Fundado em 20 de novembro de 1989, com tiragem de 600 exemplares em sua primeira edição, sendo feita apenas uma edição por ano, o jornal cresceu em importância no meio batista e na atualidade são impressas 4 edições no ano, com tiragens de 12000 exemplares a cada uma delas.

Em suas linhas, ficam evidentes os posicionamentos teológicos, as notícias pertinentes às igrejas, são lançadas as campanhas de cooperação e é resgatada a história de cada uma das igrejas.<sup>52</sup> Há uma narrativa vinculada num meio de comunicação de alcance razoável, que perpetua o que estas pessoas têm como cultura. Os conteúdos são direcionados e partem de um contexto que visa preservar esta unidade. Eles nunca são neutros e por isso conseguem o efeito que se espera a partir deles, como bem observou John B. Thompson, em seu livro “*A mídia e a modernidade*”, ao escrever: “a comunicação mediada é sempre um fenômeno social contextualizado: é sempre implantada em contextos sociais que se estruturam de diversas maneiras, e que, por sua vez, produzem impacto na comunicação que ocorre”.<sup>53</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notória a quantidade de tradições diferentes que compuseram o cenário atual

<sup>49</sup> BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 357.

<sup>50</sup> GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere: O Princípio Educativo**. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006b, v. 2, p. 78.

<sup>51</sup> GRAMSCI, 2006b, v. 2, p. 78.

<sup>52</sup> LANGE, n.48, out./dez. 2009, texto da capa.

<sup>53</sup> THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 20.

da CIBILA e a importância que cada uma destas culturas teve para o contexto. Não se pode falar de uma cultura pura ao se olhar para o grupo, mas ao mesmo tempo há certos traços que permeiam o grupo desde o seu surgimento e que são preservadas na atualidade. Surgiu de imigrantes alemães vindos da Rússia, com uma religião tradicional, que ao entrarem em contato com um missionário pentecostal, aderiram aos seus princípios.

Em sua resposta à globalização, o grupo passou a lutar para se manter e perpetuar sua cultura; como indivíduos da pós-modernidade, passaram a experimentar o efeito do descentramento do indivíduo e muitos, oriundos de outros grupos, passaram a fazer parte deste, e, ao mesmo tempo, estes que fazem parte do grupo se espalham para outros lugares, levando a bagagem que adquiriram ao estar em contato com o grupo. Sobre estes fenômenos, o grupo teve pouca influência direta: eles aconteceram e contribuíram para a preservação e avanço do mesmo.

Mas a iniciativa da criação da sua mídia impressa foi projeto do grupo com resultados palpáveis. Se o indivíduo pós-moderno é composto por identidades múltiplas, havia a necessidade de se acentuar uma delas; se ele transita de um lugar ao outro, nada como um material que possa transitar com ele, ou até mesmo chegar antes dele; se luta é para a manutenção do grupo, nada como o papel que, depois de impresso, registra a história, sem que se possa apagar a mesma. Estes benefícios foram obtidos através de seu jornal. Méritos do grupo que se aventurou na formatação do mesmo.

Fica como resultado maior a dimensão da manutenção destes grupos culturais tidos como minoritários e que muitas vezes aos olhos dos críticos estavam com os dias contados. Eles foram beneficiados pelo contexto e se souberem usar os recursos que tem à disposição, podem se tornar até mesmo influentes na sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

- CUNHA, Jorge Luiz (Org.). *Cultura Alemã 180 anos*. Porto Alegre: Bilingue, 2004.
- BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira, 2011.

EKSTRÖM, Leif Arthur. *A Oração, a Roca e o Moedor de Café (Bön, Spinnrock & Kaffekvarn): os Vikings descobrem a América do Sul*. Campinas: PUC Campinas, 2005.

EKSTRÖM, Leif. *Estudo sobre a História dos Batistas Independentes*. Campinas: Batista Independente, 2008.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere - Os Intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a, v. 2.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: O Princípio Educativo. Jornalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006b, v. 2.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JANSSON, Erik. *Under Söderns Kors I*. Örebro: Örebro Missionsförenings Förlag, 1941.

KAPPAUN, Marciano (org). *Da Suécia para o Brasil: uma história missionária*. Campinas: Batista Independente, 2012.

LANGÊ, Jair. Boletim Informativo completa 20 anos. *Boletim Informativo*. Nova Santa Rosa: Departamento de Imprensa da CIBILA, n.48, out./dez. 2009, texto da capa.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, 1977, v. 3.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *REVISTA DEBATES*, Porto Alegre, v.4, n.1, jan.-jun. 2010.

**MOSTRA Comemorativa do 83º Aniversário de Ijuí**. Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana, 1973.

PEREIRA, Helder Rodrigues. A crise da identidade na cultura pós-moderna. *Mental*, ano 2, n.2, Barbacena, jun. 2004.

RADUNZ, Roberto. *Do poder de Deus depende – Pregação religiosa e constituição de um modo de vida nas colônias alemãs da vila Germânia e Picada Ferraz (1850-1920)*. Dissertação (mestrado em história) – Programa de Pós-graduação em História – Pontífice Universitária Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (org.). *Pacto e comunhão: documentos batistas*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

SVENSKA Tribunen, 29 mar. 1911 – Jornal Local.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2008.

VERLANG, William. *Colônia Santo Ângelo – 1857-1890*. Santa Maria: [s.n.], 1991.

WUTZKE, Vilson. *Wolhynien und die Wolhyniendeutschen*. Nova Santa Rosa: Jair e Seli Lange, 2002.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional